



Francisco Rafael Queiroz de Oliveira*

RESUMO

Segundo Hannah Arendt, hoje o mundo comum encontra-se ameaçado pela usurpação da esfera pública por interesses do âmbito privado, tornando a vida biológica o bem supremo. O homem da ação perdeu espaço para o homem do trabalho e do consumo, o animal laborans. A ameaça totalitária comprovou que o processo de desmundanização é possível até as últimas consequências. Esse rastro teórico arendtiano tem nos movido a buscar compreender como se deu esse processo de colapso do mundo comum e se em plena modernidade ainda há formas de preservá-lo e renová-lo. Para tanto, diante de uma sociedade fruto da ruptura com a tradição, optamos por realizar, a partir do pensamento da autora, uma reflexão entre Hannah Arendt e Walter Benjamin. Ambos os pensadores realizam um diálogo reflexivo e crítico com relação à tradição e acreditam que mesmo sem uma tradição que nos ampare e oriente, há a possibilidade de, assim como o Anjo da História, adentrarmos ao campo de ruínas, olharmos para o passado e dele extrairmos algumas marcas luminosas. E, como nos diz a autora, “mergulharmos até as profundezas do mar” e nele enxergarmos “pérolas e corais”, momentos da história em que podemos ressignificar e, assim, nos convencer de que não podemos “virar as costas” para o mundo.

Palavras-chave: Mundo Comum. Tradição. Anjo da História.

The loss of tradition and the angel of History: a discussion between Hannah Arendt and Walter Benjamin

ABSTRACT

According to Hannah Arendt, today the common world is threatened by the usurpation of the public sphere by private interests, making biological life the supreme good. The man of action has lost space to the man of work and consumption, the animal laborans. Totalitarian threat has proven that the process of de-worlding is possible to its ultimate consequences. This theoretical trace of Arendtian thought has driven us to seek to understand how this collapse of the common world occurred and whether there are still ways to preserve and renew it in full modernity. Therefore, faced with a society born out of the rupture with tradition, we choose to undertake, based on the thought of our author, a reflection between Hannah Arendt and Walter Benjamin. Both thinkers engage in a reflective and critical dialogue regarding tradition; they believe that even without a tradition to support and guide us, there is the possibility, akin to the Angel of History, to enter the field of ruins, look to the past, and extract some luminous marks from it. And, as our author tells us, to “plunge into the depths of the sea” and see “pearls and corals” in it, moments in history where we can give new meaning and thus convince ourselves that we cannot “turn our backs” on the world.

Keywords: Common World. Tradition. Angel of History.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC - CE). E-mail: profrafaelqueiroz@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6877737257346952>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5774-0996>.

Introdução

Hannah Arendt alerta que o *mundo comum* vem entrando em colapso desde o advento do homem moderno. A sociedade moderna glorificou o *animal laborans* e, desse modo, a esfera do *social* revelou homens que têm a vida como bem supremo, e por isso, não estão aptos para cuidarem, preservarem e o renovarem o mundo. Essa questão se agudizou com a *desmundanização* promovida pelos regimes totalitários. O totalitarismo almejou promover homens desprovidos de mundo (*worldless*), que utilizaram a violência e o terror para envolverem uma massa de indivíduos marcados pela solidão (*loneliness*).

É necessário que avancemos na criação de um novo significado sobre como procederemos em relação ao mundo público, para que assim, como defende Hannah Arendt, possamos preservar a narração, a memória, o discurso, o dissenso, ou seja, aquilo que é capaz de produzir *mundo comum* e, dessa maneira, o preservarmos para os outros.

A ruptura promovida pelo totalitarismo ocasionou o ocaso da *tradição*, que não consegue responder aos traumas advindos da modernidade. Não há mais respostas seguras para dar. Então, de que forma podemos reservar e repassar o legado de nossos antepassados se a tradição não os transmite mais?

Optamos por trazer para essa discussão o pensamento do amigo de Hannah Arendt, o também alemão Walter Benjamin¹. Ele alerta sobre a *pobreza de experiência* e a conseqüente perda de uma *memória* na modernidade. Em sua obra *Homens em Tempos Sombrios*, diz Arendt: “Walter Benjamin sabia que a ruptura da tradição e a perda de autoridade que ocorriam durante sua vida eram irreparáveis e concluiu que teria de descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDR, 2008b, p. 208).

¹ “Arendt conheceu Walter Benjamin quando este ainda vivia em Berlim, mas foi apenas por intermédio de seu primeiro marido Günther Stern, primo de Benjamin, que ela pôde desfrutar continuamente de sua companhia durante o período em que ambos viveram em Paris, nos anos trinta, como refugiados da Alemanha nazista. A partir de 1936, Arendt passou a frequentar as discussões promovidas por Benjamin em seu apartamento, estabelecendo com ele um laço de proximidade que duraria até seu suicídio, poucos anos mais tarde, em 1940. Em seu último encontro com Arendt, em Marselha, onde ambos tentavam conseguir documentos para emigrar para os Estados Unidos, Benjamin confiou a ela vários de seus manuscritos, entre eles o das famosas Teses ‘Sobre o conceito da história’, como que adivinhando que ele próprio não conseguiria deixar a França ocupada, o que de fato aconteceu. Esses manuscritos, sobreviveram à morte de Benjamin, graças à amizade que brotara entre Arendt e ele” (DUARTE, 2000, p. 142-143).

Tradição e a sua ruptura: o “não mais e o ainda não”

Tradição e passado não tem o mesmo significado, de modo que podemos sustentar que a derrocada da tradição não implica na perda do passado. Na realidade, com o rompimento da tradição, o que se perde é o fio que trazia segurança na condução aos vastos domínios do passado. Nessa perspectiva, é fundamental atentarmos que foi justamente a existência desse fio que conduziu gerações seguidas às interpretações preestabelecidas do passado, moldando, por conseguinte, a sua própria experiência. A ruptura da tradição pode ser encarada, então, como uma oportunidade de ter uma nova experiência na relação com o passado, sobretudo com a apreciação de sua atribuição no presente.

Ao olhar para a tradição e constatar sua ruptura, a pensadora alemã não almeja restaurar os fios partidos ou reconstruir escombros. Interessa a Arendt revirá-los, procurar sob eles o tesouro escondido, apto a nos orientar para o entendimento do presente. Importante asseverarmos que a atividade de recordar não deve ser confundida com um sentimento de apego ao passado, como se através de um impulso intenso fôssemos capazes de encaixar cada coisa no lugar que ocupava outrora. Ao constatar o esfacelamento da *tradição*, resta a Hannah Arendt o desafio de discorrer sobre a *experiência* sem ser amparada pelo “chão seguro” das categorias tradicionais. Dizendo de outro modo, seria necessário a partir daí “pensar sem corrimões”. Tal empreitada não consiste em reaver a tradição rompida, mas pensar sobre os escombros e procurar neles o sentido apto a iluminar a compreensão do presente.

A pensadora se ocupa da tarefa de examinar o rompimento da tradição por conta da lacuna entre o passado e o futuro que se estabeleceu na contemporaneidade, pois “o que se perdeu foi a continuidade do passado, tal como ela parecia passar de geração em geração” (ARENDR, 2017, p. 234). Na constatação de Arendt descortina-se a presença de um hiato entre as gerações: “entre os que, por alguma razão ou outra, ainda pertencem ao velho e os que pressentem a catástrofe nos próprios ossos ou já cresceram com ela, está rompida a continuidade e surge um espaço vazio, uma espécie de terra de ninguém histórica” (ARENDR, 2008a, p. 187). Verificamos que diante desse desafio, os homens da *ação* e do *discurso* se veem na situação de terem que atuar na terra de ninguém, uma lacuna marcada pela ausência de ações antecedentes e na certeza de um futuro incerto, cenário que Arendt

brilantemente descreve como “não mais e ainda não”.

Em consonância com o pensamento de Hannah Arendt, vamos transcrever uma parábola de Franz Kafka². Devido à demasiada afeição a esse texto kafkaniano, Arendt o cita integralmente:

Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda – o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também, ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto - e isso exigiria uma noite mais escurado que jamais o foi nenhuma noite -, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si (ARENDR, 2011, p. 33).

O que se descortina desse combate entre as forças do passado e do futuro contado por Kafka é a percepção que *Ele*, o homem, alcança de si, nesse momento colocado entre duas forças opostas que se digladiam. O indivíduo está entre essas duas forças, precisamente no lugar do choque, ou seja, no tempo presente. Importante perceber que o passado não está morto, muito menos obsoleto, uma vez que é capaz de empurrá-lo para frente em direção ao futuro, que em contrapartida também o impulsiona de volta ao passado. Vale lembrar que a posição do homem é fundamental, uma vez que se não estivesse entre o passado e o futuro, ambas as forças se destruiriam mutuamente³. A posição em que *Ele* se encontra é um espaço gerado entre o passado e o futuro, uma lacuna, como se a linha contínua do tempo que os ligava tivesse sido partida:

Do ponto de vista do homem, que vive sempre no intervalo entre o passado e o futuro, o tempo não é um contínuo, um fluxo de ininterrupta sucessão; é partido ao meio, no ponto em que “ele” está; e a posição “dele” não é o

² A parábola de Kafka de que estamos falando compõe uma coletânea de aforismos denominada *Ele*. Hannah Arendt pega-o emprestado em dois momentos significativos de seus escritos: nos referimos ao ensaio *A quebra entre o passado e o futuro*, prefácio da obra *Entre o passado e o futuro* (1961), bem como também ao texto *A lacuna entre o passado e o futuro*, quem compõe a primeira parte de sua obra póstuma *A vida do espírito* (1978).

³ “Em Kafka, esse cenário é um campo de batalha onde as forças do passado e do futuro chocam – se uma contra a outra. Entre elas encontramos o homem que Kafka chama ‘Ele’, que, se pretende manter sua posição, tem que enfrentar ambas as forças. Elas são ‘seus’ antagonistas; elas não são apenas opostas, e dificilmente entraria em luta se ‘ele’ não estivesse no meio delas, opondo resistência. Mesmo que tal antagonismo fosse de alguma inerente às duas e elas pudessem lutar uma contra a outra, em ‘ele’, há muito tempo elas já teriam se neutralizado e destruído reciprocamente, já que, como forças, são claramenteequipotentes” (ARENDR, 2017, p. 225).

presente, na sua acepção usual, mas antes, uma lacuna no tempo, cuja existência é conservada graças à “sua” luta constante, à “sua” tomada de posição contra o passado e o futuro (ARENDR, 2011, p. 37).

Arendt é precisa ao perceber que o *Ele* de Kafka realiza a sua ação na diagonal que foi gerada e, a partir daí, surge um lugar afastado do passado e do futuro, mas que sem se desligar deles permanece como um lugar no tempo, no qual o homem poderá julgar a ambos.

Nesse horizonte, Arendt observa a perda do prolongamento do passado, ou seja, da *tradição*. O que temos hoje é uma fragmentação dela, impedindo a certeza da continuidade do presente ao futuro. No entanto, Arendt (2017, p. 234), reconhece que “se aceitarmos que o fio da tradição está rompido e que não podemos reatá-lo”, isto é, nesse processo de desmonte da *tradição* política ocidental, ainda é possível um terreno propício para a revelação de tesouros escondidos sob seus escombros. Agora é possível realizar uma análise do passado sem as regras condicionantes da tradição e, assim, encontrar uma série de experiências brutas, que como jóias raras, ainda não foram lapidadas. Importante ressaltar que o método da desmontagem não deve ser encarado como algo destrutivo, pois o que resulta dele é “ainda o passado, mas um passado *fragmentado*, que perdeu sua certeza de julgamento” (ARENDR, 2017, p. 235).

Hannah Arendt insiste:

Historicamente falando, o que de fato se partiu foi a trindade romana que por milhares de anos uniu religião, autoridade e traição. A perda dessa trindade não destrói o passado, e o processo de desmontagem, em si mesmo, não é destrutivo; ele apenas tira conclusões a respeito de uma perda que é um fato e, como tal, não mais pertence à “história das ideias”, mas a nossa história política, a história do nosso mundo (ARENDR, 2017, p. 234).

Seguindo o percurso arendtiano, nos deparamos com uma análise sua sobre a literatura shakespeariana. Na oportunidade, podemos observar o dramaturgo inglês, que envolvido por um olhar renascentista de uma despedida ao tempo medieval e um aceno à iminente Era Moderna, teria manifestado de modo forte e objetivo, sem deixar de ser lírico, o significado da transformação trazida pela fragmentação em *A tempestade*, ato I, cena 2.

Vejamos o excerto de Willian Shakespeare (1988, p. 926):

Sob cinco braças d'água, jaz teu pai;
 Dos ossos se fez coral,
 O que eram olhos são pérolas.
 Nada dele perecível
 Que o mar não tenha mudado,
 Em algo de rico e estranho.
 As ondinas de hora em hora,
 Lançam dobres de finados.

Ao tentarmos associar a peça shakespeariana à nossa investigação, podemos nos utilizar da metáfora apresentada de forma a criar uma similaridade entre a pessoa do pai, que por ação do mar é transformado, e a lacuna, identificada por nossa autora, entre o passado e o presente. Na ocasião, o genitor de um homem que é presente, a figura do pai, simboliza o passado submerso no oceano das transformações advindas da modernidade. Seus ossos, que lhes davam mobilidade e fortaleza, acabaram transformados em frágil calcário que acomoda nesse momento, de forma cuidadosa, os olhos que enxergaram o que não é mais possível ser visto. Os olhos que viram o passado são, desse modo, as pérolas encrustadas que carregam o reluzir de um passado e de uma experiência que não se encontram totalmente acessíveis. Ora, temos então a convicção de que o passado não desaparece, mas que de maneira inevitável transforma-se em algo rico e estranho ao presente. Consideramos que esse “algo” tem relevância inigualável, como um tesouro guardado sob a água e que só poderá ser resgatado na forma de fragmento de alguma coisa de valor para sempre submersa.

Vejamos o que nos diz Hannah Arendt:

Embora o vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas “sofrem uma transformação marinha” e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descera até elas e as trará ao mundo dos vivos - como “fragmentos do pensamento”, como algo “rico e estranho” (ARENDR, 2008b, p. 222).

Chegamos ao entendimento, a partir da trilha arendtiana, de que os filósofos da contemporaneidade precisam ser antes de tudo escafandristas⁴ minuciosos, pois é essencial que sejam “cuidadosos para não destruir o ‘rico e o estranho’, o ‘coral’ e

⁴ Escafandrista é o mergulhador que usa escafandro, uma vestimenta apropriada para mergulhos demorados.

as ‘pérolas’ que provavelmente só poderão ser salvos como fragmentos” (ARENDR, 2017, p. 235). A tarefa de pescar pérolas reside no esforço em encontrar sob os escombros os fragmentos de uma tradição que não se move em nosso presente.

Temos a possibilidade de olhar para o passado e dele extrair algumas marcas luminosas, “mergulharmos até as profundezas do mar” e nele enxergar “pérolas e corais”, momentos da história que podemos ressignificar e, assim, nos convencer que não podemos virar as costas para o mundo. Podemos associar as pérolas e corais de Arendt com a transformação das ruínas em *runas*, propostas por Benjamin, pois ele “quer fazer da ruína, uma *runa*, isto é, recuperar a forma natural de fazer o mundo significar, pois as runas eram pedras que guardavam inscrições dos conhecimentos, das crenças e do cotidiano da vida dos antigos (CALLADO, 2006, p. 78).

Em sua obra *Homens em Tempos Sombrios*⁵, nos diz Arendt: “Walter Benjamin sabia que a ruptura da tradição e a perda de autoridade que ocorriam durante sua vida eram irreparáveis e concluiu que teria de descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDR, 2008b, p. 208). Benjamin afirmou que a arte do narrar está praticante em extinção, e pelo fato de que não há uma tradição que assegure a transmissão de experiências, se faz necessário relacionar-se com o passado de uma nova forma, buscando extrair resquícios, fragmentos dessa tradição despedaçada, uma vez que “nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”⁶ (BENJAMIN, 1985, p. 223).

O Anjo da História

Hannah Arendt se interessa pelas teses *Sobre do Conceito de História* (1940) de Benjamin justamente pela recusa ao historicismo, que enxerga como orientação para o presente a empatia pelas causas vitoriosas, como também por sua oposição ao conceito de progresso⁷. Todavia, cabe aqui pontuarmos que Benjamin não

⁵ A autora pega emprestado a expressão “tempos sombrios” do dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956). Arendt nos brinda em sua obra *Homens em Tempos Sombrios* com ensaios biográficos que retratam a dignidade humana de homens e mulheres que foram marcados na primeira metade do século XX pela ascensão do totalitarismo.

⁶ Terceira tese do Conceito de História, Cf. (BENJAMIN, 1985, p. 223).

⁷ Arendt e Benjamin ao trabalharem o conceito de história, rejeitam uma visão de tempo baseado na cronologia e linearidade, afastando-se, assim, de um tratamento mecanicista e acreditando em uma crítica ao progresso. Eles assumem a tarefa de olhar para o passado com base em perspectivas que não foram construídas, mas que continuam como possibilidades.

minimiza o progresso da ciência. Na realidade, as análises benjaminianas sempre contemplam o positivo e o negativo de todas as questões que se propuseram a investigar.

Concordamos com André Duarte quando ele diz que “como historiadora, Arendt é muito mais uma narradora em busca de histórias esquecidas do que uma cientista preocupada com a estrita recuperação do passado” (DUARTE, 2000, p. 143). E foi justamente essa questão que os críticos aos escritos de Arendt em *Origens do Totalitarismo* (1951) não compreenderam⁸. A autora nunca se propôs a detalhar os fatos como realmente ocorreram, da mesma forma como Benjamin, em sua sexta tese sobre o Conceito de História, nos diz: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato ele foi’”⁹. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Benjamin não é nostálgico, tanto é que ele defende a presença de um passado no presente, com o intuito de encontrar a base histórica dessa nova forma de experiência, além de ver se infiltrarem nela os resquícios de promessas anteriores, que tenham a capacidade de dar ressignificação ao presente. Podemos perceber o filósofo falando disso no texto *Sobre o Conceito de História* (1940), quando ele defende que é possível salvar o passado estando no presente a partir de uma afinidade que pode transformar os dois. Tal tarefa reside em “captar a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada” (BENJAMIN, 1985, p. 232).

Por isso, influenciada pelo pensamento benjaminiano, Arendt optou por realizar o desmantelamento dos fragmentos da tradição, se aproveitando de seus próprios escombros, buscando estabelecer novas relações entre presente, passado e futuro,

⁸ Exigiam do livro algo que a autora não pretendia dele: que fosse um livro de ciência histórica. Isaiah Berlin e Voegelin, entre outros, reclamam do procedimento arendtiano. O primeiro queixa-se de várias inexatidões factuais e o segundo questiona o amplo emprego de metáforas no livro. Eles não entendiam que Arendt na verdade estava realizando um “exercício de pensamento que visava, antes de tudo, a incitar à compreensão e que isso exige muitas vezes o recurso da metáfora, isto é, o que conta não é a reprodução, o espelhamento descritivo do que ocorreu, mas a fidelidade total às experiências geradoras dos pensamentos em pauta e isso eles não podiam questionar na obra arendtiana” (AGUIAR, 2009, p. 22).

⁹ À semelhança de Benjamin, também o retorno arendtiano ao passado não se pauta pelo interesse em reconstituí-lo de maneira fidedigna, segundo os parâmetros do historiador positivista. O que importa a Arendt não é o passado como tal, mas a possibilidade de narrar certas experiências políticas do passado de modo a transformá-las em mitos ou cristalizações que revelem o sentido das manifestações políticas cruciais do presente encontrando assim correspondências sintomáticas entre o passado e presente” (DUARTE, 2000, p. 143).

assim como uma criança que “faz história dos detritos da história” (BENJAMIN, 1984a, p. 101).

Arendt visualiza a história como uma série de eventos, ao invés de uma força ou traçado linear dotado de previsibilidade. Da mesma forma que Benjamin, ela rechaça a ideia de uma causalidade da história e entende o evento histórico como uma urgência inesperada de uma novidade que ocorre sem necessariamente obedecer a uma determinação anterior. Complementa Hannah Arendt:

O que para nós é difícil perceber é que os grandes feitos e obras de que são capazes os mortais, e que constituem o tema da narrativa histórica, não são vistos como parte, quer de uma totalidade ou de um processo abrangente; ao contrário, a ênfase recai sempre em situações únicas e rasgos isolados. Essas situações únicas, feitos ou eventos, interrompem o movimento circular da vida diária no mesmo sentido em que a *bíota* retilinear dos mortais interrompe o movimento circular da vida biológica. O tema da História são essas interrupções - o extraordinário, em outras palavras (ARENDR, 2011, p. 72).

O ineditismo totalitário ocasionou a falência dos conceitos da tradição e da autoridade que o passado tinha ao iluminar o presente, e diante dessa realidade, reconciliar é uma forma de reagirmos a esta lacuna, a uma ausência de referenciais que os regimes totalitários esgarçaram. “Não podemos dominar o passado mais do que desfazê-lo. Mas podemos nos reconciliar com ele. A forma para tal é o lamento, que brota de toda recordação” (ARENDR, 2008b, p. 29). Quando não há mais fios que liguem a compreensão e os conceitos não passam de palavras abstratas e sem serventia, Arendt não vê outra saída para esse exame de compreensão do que ser uma contadora de histórias, realizando o exercício do pensamento narracional, tornando-se uma *storytelling*. “Não era o passado que poderia iluminar e explicar o seu aparecimento. Não se tratava de uma evolução, de algo que poderia ser deduzido de uma causa antecedente. A saída que Arendt encontrou foi narrar a experiência” (AGUIAR, 2001, p. 203).

O pensamento “narracional” é a maneira que Arendt encontrou para interpretar os acontecimentos quando os maiores nomes da ciência historiográfica, da metafísica e da ciência política fracassaram, por não conseguirem lançar luz sobre os conflitos contemporâneos. Por isso: “Na ausência de padrões confiáveis, passa-se a invocar as próprias experiências como base da análise (AGUIAR, 2009, p. 23). Através do uso da imaginação, o *storyteller* protege o que seria desfeito pela teoria, pois “a memória

recuperada pelo *storyteller* não está relacionada à transmissão de uma tradição, mas à comunicação entre as gerações” (AGUIAR, 2009, p. 30). Seu propósito não é determinar uma trilha a ser seguida, tampouco dirigir o rumo histórico. Sua intenção consiste em contar uma história a partir de vários “instantes humanos”.

Feita essa constatação, é importante fazer a distinção entre o pensamento como narração em Hannah Arendt das noções usuais do ato de narrar que se relacionam com uma ideia de saberes disciplinadores, e muitas vezes ligados à tradição. Nossa autora também se coloca distante da compreensão da narração como voz dos marginalizados em oposição, assim, à uma prática de narrar o que é universal. É possível observar, desse modo, que a pensadora alemã se afasta da ideia de uma história que oriente práticas comportamentais¹⁰.

Coadunando com Benjamin, o sentido do pensamento narracional arendtiano reside nos fragmentos, na descontinuidade, contrapondo-se à busca de um resultado causal. Dessa maneira, ao puxar o “freio de mão da história”, não se sujeita a um processo histórico causal linear, fazendo justiça aos mortos e às histórias esquecidas. Ao desacelerar o movimento ininterrupto da história, “escovando-a a contrapelo”¹¹, Benjamin demonstra que é possível se colocar a favor da rememoração (BENJAMIN, 1985, p. 225). É permitido, então, fazer justiça ao passado e salvá-lo, uma vez que o passado oprimido lança apelo ao presente quando “irrecuperável é cada imagem do passado que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela”¹² (BENJAMIN, 1985, p. 224).

Em sua obra *Sobre o conceito da História* (1940), o último texto escrito por Walter Benjamin, nos deparamos com uma caracterização benjaminiana da história no mínimo instigante, que compara o passado a um *amontoado de ruínas*. Dito de outra forma, Benjamin propõe uma história de fragmentos que estão em constante reordenamento e que não obedecem a nenhuma “classificação que se baseie num

¹⁰ Odílio Alves Aguiar esclarece que nessa questão há um distanciamento entre Arendt e Benjamin no que tange à prática narrativa: “Se observamos com atenção, mesmo o maior inspirador de Arendt nesse setor, Walter Benjamin, não escapou a essa compreensão. Para ele, a narração possui uma dimensão utilitária, sempre propõe “um ensinamento moral, uma sugestão prática, “conselhos”, e boa parte dos seus intérpretes entende a narrativa como voz dos marginalizados. Em Arendt, o pensamento “narracional” não é comprometido como a defesa de uma tradição ou de um grupo específico, não intenta conduzir ou legitimar uma ação. *Storytelling* é, antes de tudo, encontrar e trazer luz ao sentido das indeterminadas e “caóticas” experiências humanas (AGUIAR, 2009, p. 29).

¹¹ Sétima tese do Conceito de História.

¹² Quinta tese do Conceito de História.

tempo homogêneo e vazio”¹³ (1985, p. 229).

Ao analisar a figura do historiador, Benjamin o visualiza em uma situação delicada devido a complexidade de sua tarefa, que muitas vezes se torna ambígua, pois ele pode recorrer a diversas metodologias que, se por um lado, o levarão a uma variedade de questões, todavia, por outro lado, imporão limites às suas pesquisas. Por isso, pensar a história junto a Walter Benjamin passa a ser crucial para os novos historiadores¹⁴.

Uma das teses do texto de 1940 mais investigadas e que trata diretamente dessa temática é a tese de número nove, como reproduzimos a seguir:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende - se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1985, p. 226).

Os tesouros e os valores estão ali para serem encontrados, mas é muito difícil ter êxito devido ao vento que sopra. O esforço realizado pelo anjo é muito forte, contudo, não sabemos se ele conseguirá. Ao analisar o quadro de Klee⁶, Benjamin apresenta o anjo da História tentando salvar os fragmentos, enxergando a possibilidade de encontrar neles o valor que estava escondido. Todavia, sua empreitada é inviabilizada pela tempestade. Ela “é metáfora para a velocidade trazida pelo progresso. Ela não permite mais que o homem se detenha para praticar a ação salvadora. O ritmo que a máquina impõe ao homem o desestabiliza” (CALLADO, 2006, p. 79), impossibilitando-o, assim, de ter tempo suficiente para restaurar a

¹³ Décima quarta tese do Conceito de História.

¹⁴ Hannah Arendt aprende com o amigo Benjamin sobre o pensamento fragmentado. Mas, a genialidade de Walter Benjamin, que se apresenta em várias de suas citações, influenciou de forma direta também os historiadores, pois influenciados por ele, passaram a acreditar que na história é possível se utilizar da certeza da incerteza, ou seja, na capacidade de encontrar se perdendo. A ciência da História que visa compreender a ação dos homens no mundo, não pega mais para si a tarefa de conhecer o presente pelo que foi o passado, ou para dizer de outra forma, a linear história de causas e consequências. Essa forma de procura mudou. O que foi outrora passa a ser o que pode ser agora. Hoje o ofício do historiador exige o uso da imaginação, de reticências finais e iniciais, pois nos múltiplos rostos do presente é que podemos encontrar as variadas propostas de respostas ao passado.

realidade.

A leitura até aqui nos faz compreender que o passado não se coaduna com uma escrita definitiva, linear e que contempla a história em uma perspectiva de totalidade, uma vez que sempre que se tenta escrever a história restarão ainda pedaços que poderão ser utilizados em uma posterior reconstrução, uma nova conexão do passado no presente. Dessa forma, edificamos o passado em um lugar não-vazio, mas repleto de agoras. É dessa imbricação entre presente e passado que podemos alcançar as circunstâncias para encontramos formas singulares de experiência.

Considerações Finais

O silêncio da *tradição* frente aos acontecimentos da primeira metade do século XX é a mais profunda representação da fisionomia de uma crise. O totalitarismo é o evento que escancara a ruptura da tradição e desafia o pensamento político ocidental, pois visa erradicar toda a espontaneidade do ser humano, transformando todos os homens em apenas *Um*, destruindo, assim, o espaço-entre (*in-between*) que é pautado no aparecer humano através do discurso e da ação. Em *Homens em tempos sombrios*, Lessing, citado por Arendt, conta que a presença de um mundo obscuro obscurece toda a *experiência*. Com o colapso da tradição, ficamos sem referências, sem o chão seguro que nos guiava para a compreensão do mundo. Num desenho de incertezas e sem nada que nos una, nos sentimos desconfortáveis em casa.

Que atitude tomar quando o passado se encontra *fragmentado*? Resta como alternativa a difícil tarefa de pensar sobre os escombros, e através deles encontrar um sentido capaz de iluminar o presente. Arendt se vale do método do *desmantelamento* da tradição, em que ao mesmo tempo que vai demolindo, também a preserva e a salva. É fundamental fitar o brilho da pérola, como uma dádiva deixada por um passado que não tem mais como ser olhado como um traço linear ao presente. A compreensão do presente só será adquirida mediante uma análise que reivindica um novo modo de pensar e agir. Não se trata, portanto, de reconstituir o fio rompido da tradição, mas de auscultar as formas apropriadas à compreensão da realidade hodierna.

O *narrador* deixa sua marca valiosa no interior da história, enriquecendo-a. Para Benjamin, a perfeição da narração é concebida através da *arte-de-narrar*. Ela se estabelece quando pessoas em diferentes momentos e movidas por diversos interesses resgatam a história e acrescentam elementos novos. A história se aperfeiçoa sempre que uma pessoa ou um grupo de *ouvintes* a relaciona à sua própria experiência, dando um novo significado ao que foi narrado e escutado. As narrativas são lembradas porque delas são feitas histórias.

Os *recém-chegados* são aqueles que tomarão conhecimento das histórias que serão transmitidas e, a partir daí, poderão posteriormente se decidir em continuá-las, conferindo um novo significado para o mundo. Sendo a ação da ordem do incalculável, a natalidade poderá trazer o novo e, com ele, processos que serão interrompidos, pois de maneira espontânea os estrangeiros irão interferir no mundo. Por isso, precisamos transmitir às crianças, valores e cultura que lhes propiciem experiências simbólicas.

Além de cuidar das experiências do passado, é possível asseverar que o *amor mundi* equivale a também fazer uma aposta no futuro, e mesmo vivendo em tempos de um não mundo (*wordless*), não devemos “dar as costas” e dizer que a responsabilidade pela permanência do mundo comum não é nossa, pois *amor mundi* implica em decidir-se a favor do mundo. Dessa forma, as experiências simbólicas que compartilhamos serão decisivas para os “novos” adultos engendram decisões quando adentrarem na dimensão política.

Walter Benjamin se refere ao narrador como um personagem que não existe mais. A ausência de histórias a contar é consequência das experiências também ausentes. Nesse caso, então, o que comunicar? O mundo se tornou anônimo, não encontramos mais nele o nosso reflexo, mas apenas pessoas sem face, sem história e que se transformaram em minúsculas engrenagens de forças que não conseguem controlar, como o progresso.

Por influência de Benjamin, o pensamento narracional arendtiano consiste em observar os fragmentos, a história descontínua, refutando a ideia de uma história baseada na causalidade. Ao puxar o “freio de mão de história”, não se submete à linearidade, abrindo a possibilidade de fazer justiça aos mortos e às histórias esquecidas, se posicionando a favor da rememoração.

Sob esse desenho de um exame de *ruínas*, da perda do mundo comum, foi de nosso interesse pontuar o que é fundamental: anunciá-las, uma vez que temos que resistir a uma sociedade atomizada, de indivíduos que não se comunicam e que não partilham experiências. É preciso continuar defendendo a permanência de um mundo comum. Ao ser influenciada por Benjamin, Hannah Arendt aprende que apesar da tradição ter sido despedaçada, ainda há outras formas de tratar o passado a serem descobertas. Atender ao apelo do passado é necessário, para que as vozes emudecidas das gerações antecedentes a nossa possam nos encontrar.

Referências

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia e política no pensamento de Hannah Arendt**. Fortaleza: Edições UFC, 2001.

AGUIAR, Odílio Alves. **Filosofia, política e ética em Hannah Arendt**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 12. ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARENDT, Hannah. **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. 6. ed. Tradução de César Augusto de Almeida, Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

ARENDT, Hannah. **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. Tradução de Denise Bottmann. Belo Horizonte: UFMG, 2008a.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984b.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Sumus, 1984a.

CALLADO, Tereza. **Walter Benjamin: a experiência da origem**. Fortaleza: EDUECE, 2006.

DUARTE, André. **O pensamento à sombra da ruptura**: política e filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SHAKESPEARE, W. **Obra completa**. Vol. 2. Tradução de F. Carlos de Almeida, Cunha Medeiros e Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A, 1988.

Recebido: 23/04/2024

Aprovado: 17/06/2024